

# d e l i v r o s

## através da obra do sr. António Botto (análise crítica), por Amorim de Carvalho — Porto

Foi sempre tão raro em Portugal o combate às ideias-feitas, ao lugar-comum, aos ídolos com pés de barro—mormente no campo literário e artístico—que, se alguém sai a terreiro a arremeter contra os imortais de pacotilha, o primeiro movimento é de estranheza. O próprio público, que contas bem deitadas é o único a beneficiar, as mais das vezes não gosta—e muitas vezes protesta. A crítica—oh a crítica em Portugal!—não só protesta e não gosta como ainda, na maioria dos casos, faz pior: cala-se ou pateta.

Ao Sr. Amorim de Carvalho, que teve a hombridade de vir a público com estudo crítico probo, o que importa dizer imparcial, deve acontecer, com pequenas variantes, coisa d'este teor. Entretanto o seu livro possui, além do mais, o grande mérito de concorrer para a revisão dos valores intelectuais do nosso país. E revela também o seu bocadinho de audácia—que,

hoje como ontem, dizer a verdade implica o seu quanto de audácia.

Não andaremos longe da verdade supondo que *Através da obra do Sr. António Botto* foi, pelo menos em parte, determinado por outro estudo sobre o mesmo poeta: *António Botto e o amor*, de José Régio. Contudo, sendo nas suas linhas gerais uma resposta a esta obra, o seu fim não é—será afirmar demasiado?—erguer polémicas. Os intuitos do autor são claros: «Contribuir para que o público seja esclarecido e orientado por crítica mais realista, que só eleve os autores à altura em que eles possam alrossamente sustentar-se».

São duas atitudes (atitudes perante a obra de António Botto) não só diferentes, mas opostas. J. Régio gastou mãos cheias de adjectivos—e o António Botto-poeta que

nos deu surgiu-nos muito alto, guindado às culminâncias; A. de Carvalho mais parcimonioso, mais calmo, guardou os adjectivos—e o seu António Botto-poeta aparece-nos de estatura vulgar e apeado das culminâncias. J. R. esforçou-se por mostrar que A. Botto era um poeta original, invulgar; A. de C. estudou essa originalidade e diz-mos, demonstrando-o (e se o não demonstrasse nada valeria dizê-lo)—que ela é simplesmente livresca, e portanto falsa. E aponta exemplos que far-tém. Não obstante, a sua coragem inicial traiu-o—ou a sua calma foi excessiva. Pois que, ao pôr em confronto várias quadras populares (de propósito esquecemos outros exemplos) com outras que o autor das *Canções* subscreve como suas—êle apenas filla as semelhanças entre elas existentes num caso de su-

gestão literaria por parte de A. Botto; quando, afinal, se trata unicamente de plágios. Eis duas dessas quadras. Não dizemos qual é a popular ou qual é a do Sr. Botto. O leitor as distinguirá:

Quem é pobre sempre é pobre,  
Quem é pobre nada tem;  
Quem é rico sempre é nobre  
E às vezes não é ninguém.

Quem é pobre sempre é pobre,  
Quem é pobre nada tem;  
Quem é rico sempre é nobre  
E às vezes não é ninguém.

Quanto a estilo, ritmo, valor global do poeta também os seus dois críticos não estão de acordo. E as posições são sempre as mesmas: emquanto J. Régio elogia e defende, A. de Carvalho ataca e derruba. E o pior para o Sr. A. Botto—e em parte para o Sr. J. Régio—é que A. de Carvalho ataca com razões na frente.

Resumindo: *Através da obra do Sr. António Botto* é um estudo actual, útil e sério.

A. R.

## caminhos magnéticos, por António Madeira — colecção dos escritores modernos portugueses

«Caminhos Magnéticos», livro de contos de António Madeira, merece ser recebido pela crítica com mais alguma coisa do que os estafados adjectivos de sempre e a consagrada meia dúzia dos comentários à margem.

António Madeira, embora apareça só em «Caminhos Magnéticos», com esse nome (e em alguns poemas em prosa, soltos em várias revistas) já tinha publicado com o nome de Branquinho da Fonseca poemas, teatro, contos; e dirigiu conjuntamente com José Régio e Gaspar Simões a revista «Presença» nos primeiros anos da sua publicação. Mas, todos os livros de António Madeira—então Branquinho da Fonseca—não passavam de breves notas de uma personalidade artística interessante, prejudicada por um diletantismo estetisante que obstava ao aprofundamento necessário para a construção de uma obra séria e consistente. «Caminhos Magnéticos» pode, portanto, considerar-se o primeiro livro de António Madeira, valendo como abertura de uma obra literaria rara se êle conseguir manter o nível d'este primeiro volume.

Num país de poetas, um livro de prosa como o de António Madeira é uma revelação e uma raridade. E' difícil encontrar a riqueza poética

mesclada com um verdadeiro talento de prosador e acima de tudo um mundo tam variado, tam rico de meios e de pessoas, tam complexo de problemas e de sugestões, como o que vive nas páginas dos «Caminhos Magnéticos».

Os contos, que são oito, passam-se todos em ambientes diferentes, assim como diferentes são as personagens e os processos de realização. A unidade do livro reside na sua intenção central «intetisada num titulo feliz: «Caminhos Magnéticos». Desde *O Anjo à Unica Estrêla* que António Madeira sugere que o homem não caminha livremente pela estrada da vida, mas sim atraído pelo iman misterioso dos seus caminhos, de cujo magnetismo não vale a pena tentar fugir. E' o próprio Amorim, a personagem central do seu primeiro conto, que diz: «Muita gente julga que faz o que quer, que pensa o que quer... Coitados! A vida é andar aos tombos até que um dia chega o Anjo com a hora em que iremos fazer o que é preciso!»

Os contos são todos bons, é

mesmo raríssimo encontrar um livro tam igual, mas tres deles estão em plano superior.

*O Anjo* é o primeiro conto do livro, choca pela originalidade do tema. E' uma espécie de diálogo entre a loucura e a normalidade, entre a maldade e a inocência. Quando o comissário de policia interroga o Amorim temos a impressão de assistir a uma discussão entre o sonho e a realidade.

Outro conto dos melhores é *A tragédia de D. Ramon*. D. Ramon, vagueando bêbado pelas ruas de Lisboa, para e esquecer o crime de ter vendido a filha a um burguês qualquer, consegue esquecer tudo, excepto o que queria esquecer, porque o remorso era a própria vida de D. Ramon.

O terceiro dos melhores contos, quanto a mim o indice mais elevado do livro, é *A Minha Inimiga*. Desde o titulo, que é um verdadeiro achado, até ao processo brusco de cortar a narração, que o conto se valorisa à medida que a trama vai crescendo e interessando. Há certas cenas talhadas de tal maneira que qualquer vaga aparência literaria desaparece, dando lugar a verdadeiros fragmentos de

vida, absolutamente gémeos da realidade. As cenas do namôro são duma observação rara; as relações entre as duas raparigas, embora sugeridas com a maior delicadeza, saltam ao leitor em força e em verdade; o ciúme e todos os vários complexos do amor, como o despeito, o ódio repentino, a vingança, o perdão cheio de interesse e de angústia aparecem na *Minha Inimiga* revelados por um artista que sabe descobrir a vida nos seus segredos mais íntimos.

Em todo o livro António Madeira demonstra verdadeira segurança técnica da realização do conto. Sabe levantar as personagens com duas penas; pô-lo a viver em dois períodos; arranjar o enredo e resolvê-lo em meia dúzia de páginas. Sugere em cada conto vários problemas—eis uma das características do conto—que não resolve, deixando-os propositalmente ou não, sem solução. Sabe usar com frequência os símbolos e fá-lo com tal subtilidade que não deixa transparecer qualquer intenção literaria.

Enfim, estamos em face de um verdadeiro contista que escreveu um volume que chega para individualizar um artista, para o afirmar como um valor indiscutível.

RAMOS DE ALMEIDA